

Poesia Incompleta



J. A. Nunes
Carneiro

AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

POESIA AINDA QUE INCOMPLETA

1.

Mário Dionísio foi o poeta que melhor intitulou um livro de poemas: Poesia Incompleta. É a ele que agora recorro quando estou a escolher e reunir os poemas que pretendo (ou tenho coragem?) publicar.

A poesia aqui reunida é, naturalmente, incompleta: nem tudo o que escrevi aqui está; nem tudo o que pensei escrever já está escrito.

2.

Este livro não possui uma unidade. É muito mais um conjunto de poemas, um conjunto ocasional. Cada poema vale por si.

O que, eventualmente, os liga é a preocupação que sempre tive ao escrevê-los: comunicar com os eventuais leitores e, ao mesmo tempo, compreender e interrogar o mundo, as mulheres e os homens, a vida, o amor, a morte. Compreender e interrogar tudo e todos.

3

Os poemas desta poesia incompleta são pessoais. Escrevi-os com liberdade plena. Liberdade absoluta e criadora terão também os seus leitores.

Enquanto estiveram aqui encerrados estes poemas serão incompletos. A poesia só começa quando é lida pelos outros.

J. A. Nunes Carneiro
Janeiro de 2001



POESIA INCOMPLETA

«Tudo passa, tudo, e nós somos apenas formigas caminhando para a luz. Ela há-de aparecer, mais cedo ou mais tarde, neste mundo, mesmo que se vá sempre afastando de nós.»

Urbano Tavares Rodrigues

«Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado.
Cega com outra luz a luz do dia.
Desassossega o mundo sossegado.
Ensina a cada alma a sua rebeldia.»

Miguel Torga

«Em grande parte através da relação homem/mulher é que somos capazes de apreender o mundo e de apreender o sentido do mundo.»

David Mourão-Ferreira

«A morte não é o pior problema que temos de enfrentar: é o último.»

Baptista-Bastos

«É tão curto o
amor,
tão *longo* o
esquecimento.»

Pablo Neruda

O PRIMEIRO DIA

e lentamente
dos subúrbios inconscientes da vontade
o desejo de te conhecer
prolonga-se
quase indefinidamente
num tempo amargo
espalha-se pelos olhos indecisos
para depois
quase subitamente
descer aos lábios
em forma de primeira palavra

de primeiro dia

ELOGIO DA PACIÊNCIA

esperando
quase
enlouquecemos

mas encontrando
enlouquecemos mesmo

de alegria

POEMA

nas tuas mãos tenho
o tamanho da formiga paciente

nas tuas mãos escrevo
as palavras necessárias

nas mãos alheias espero
e desespero

nas tuas mãos sou
pássaro perdido

nas tuas mãos estou
só

nas tuas mãos procuro
a água

(os meus olhos perdem-se na distância
e o sol
não nasce
hoje)
na planície aberta procuro
as tuas mãos

nas tuas mãos vivo
a alegria de ter
apenas
o tamanho da formiga
paciente

ESTA NOITE

esta noite
só esta noite
não deixes que o mar durma
em ti
esta noite
só esta noite
grita
ou canta
esta noite
só esta noite
solta o teu pássaro
esta noite
nas asas do tempo
só esta noite
voa



DIZ-ME

diz-me
se é o mar
o céu
uma rosa
ou a terra
que queres ver
diz-me
se são as palavras
ou as lágrimas
se é a alegria
ou o vento
que queres ouvir
diz-me
se é a raiva
a tristeza
a morte
ou o dia
que queres sentir
diz-me
se é a vida
a loucura
a solidão
ou a festa
que queres viver
diz-me
e partirei no tempo
à tua procura
diz-me
se é o sol
que queres ter
diz-me
que vou buscá-lo
diz-me

A NOSSA LUA

apesar de distantes
tu na tua janela
e eu na minha
vemos a mesma lua

À TUA PROCURA

o deserto imenso
é apenas um enorme conjunto
de minúsculos grãos de areia
diferentes

difícil é o encontro
de dois grãos que sempre se procuraram
sem saber



CONTIGO

caminhamos
descobrimo o sabor cálido
breve lento rude intenso
dos nossos passos
caminhamos
e caminhando sempre
havemos de chegar



CANTO AO AMOR

1.
amor é sempre assim
encontro e procura
mar e deserto
prazer e dor
canção e silêncio
dizer olá e dizer adeus
princípio e fim

2.
amor é sempre água pura
que bebo em ti
amor é sempre canção
enquanto o desejo de ti não se cale
amor é quase sempre dizer adeus quando
Lchego
e dizer olá quando parto

3.
o fim é sempre longo
súbito e cruel
o fim é quase sempre desencanto
tristeza e esperança
o fim é sempre um novo princípio



A NOITE SEM TI

depois da tua partida
a noite é longa e triste
vazia e insuportável

sem ti
para que serve a noite

UM BARCO NO PORTO

1.

sou um barco sem porto
na manhã acordada pelas ondas do mar
e os teus olhos vêm procurar-me
por entre as vagas

sou um porto sem barco
na tarde cruel da tua ausência
e os meus olhos vão procurar-te
por entre as vagas

2.

não é porto nem barco
mas somente a água em que me banho
todos os dias
na banheira das palavras
com um sabonete de beijos

e as nossas mãos como esponjas
percorrendo os nossos corpos
até que o desejo se lave

3.

és porto e barco
sem ti porto não parto
sem ti barco não fico



HÁ SEMPRE ALGUÉM

há sempre alguém que espera
um sorriso a palavra o corpo
de alguém que espera
outros olhos
há sempre alguém



DENTRO DE TI

dentro de ti
é onde eu quero estar
para descobrir até ao fundo o teu sabor
dentro de ti
para saber o tamanho do abismo
procurando-te nos olhos
dentro de ti
para te conhecer
e viver



FLOR DE OUTONO

1.
deixa-me ser a flor
que cresce nos teus olhos castanhos

castanhos como a terra pura
fugidios como o rio sem margem

2.
incendeia-se a minha voz sem palavras
e escrevo o poema
na raiva impotente da tua ausência

o meu silêncio grita
já roucamente
a procura silenciosa desse teu sorriso breve e
Único
na presença eterna dos teus olhos castanhos
sim
procuro apenas o sorriso
o fogo e a alegria com que contigo
conquistarei a lua amarga
das longas noites lentas da tua ausência

3.
flor de outono que tardas nesta terra pura
para cantar com voz de sonho
a semente matinal de futuras primaveras sem
fim
flor no desabrochar imenso de jardins
imaginados
na margem das palavras por dizer

4.
no deserto habitado de esperança
na longa noite
impaciente
uma flor nasceu em mim
enquanto os nossos olhos foram humildemente
ocultei-ta

└ cúmplices

hoje
é dia de plantar esta flor no teu jardim
é dia de semear em ti este amor de outono

5.
abre suavemente a tua terra para o sol
e deixa-me ser a flor



SEM TI

desconhecer-te
é viver ignorando o mundo
as coisas e os homens
desconhecer-te
é morrer nu e só
sem pudor nem alegria
apenas
assim

incompleto



SEPARAÇÃO

regresso ao quarto
vazio

a cadeira não está no mesmo sítio
as paredes parecem
diferentes

a janela aberta
a noite fria
o quarto enorme e vazio e

depois de ti
resta apenas
o silêncio imenso
de uma cama
desfeira
e deserta e

vazio
regresso ao quarto

LABIRINTO

UMA MULHER ser praia vontade morte ganhar
classes televisão fome desesperar o eu
ruído os outros seios altruísmo poder mãe
recalcar palavras política solidão olhos
publicidade matar sexo pensar revolução
cidade ser possível livros selvagem egoísmo
angústia formas nós ferir tu violência querer
o corpo frustração ódio sentir nádegas pai
perder solidariedade não ser vida razão amor
UM HOMEM



OS MALDITOS

há quanto tempo estaríamos ali
um dia um século ou apenas algumas horas
os relógios não servem para nada quando dois
└corpos se encontram

e a lua
onde estaria a lua naquela noite escura
teria ela tido coragem de se ausentar para
└além do abismo
enquanto para nós o mundo estava ali
naquele rectângulo de lençóis com uma janela
└recortada na parede

e o poema
o poema surgiu como fogo incendiando o
└silêncio da folha
dizendo sílaba a sílaba o que eu não saberia
└dizer(-te)

surpreendidos vimos a madrugada trazer o sol
e a noite
como foi possível que ela tenha já acabado
onde está a eternidade quando a noite morre
└às primeiras horas de todos os dias
terminou a noite interrompemos o sonho
a cidade esperava

os relógios são ainda os senhores do mundo



«*Procu*
desesperadamente
as **armas** do
meu tempo.»

Manuel Alegre

DEPOIS DO INCÊNDIO

Porque é que o sonho me persegue?
e estas palavras... o que são?
que fazem elas em mim
e eu que faço com elas?

Como lhes posso eu escapar,
como posso eu derrubar estas barreiras,
que me prendem
e não me deixam voar?

Porque é que o sonho se instalou em mim?
E como..., ai como
posso eu matá-lo,
esmagá-lo,
fazê-lo ir-se embora?
Dizer-lhe que já não posso embalá-lo
nem mais um segundo no meu peito?
Dizer-lhe que já não quero guardá-lo
que não quero mais sonhos presos no meu
leito?



A SOLIDÃO

ATÉ OS CARANGUEJOS

1.
até os caranguejos
sobem e descem as pedras rugosas

2.
buscam o refúgio das águas
enquanto a maré sobe ou desce
vêm e vão

continuamente
vivos

3.
parece rotina o movimento das águas
mas não é

4.
até os caranguejos
resistem
procurando sempre outras pedras
novos caminhos



AGORA

depois
do sol e da noite
aqui estamos esquecidos
abandonados
neste dia de inquietante espera

depois
persistimos
neste labirinto recortado na terra
e
vamos lentamente descobrindo
a vontade de continuar

depois

UM HOMEM SÓ

um homem só só existe no deserto
e mesmo aí
na noite gelada
há sempre a areia
e a lua

e de dia
há o sol e o homem
companheiros
viajantes no mesmo caminho

um homem só só no deserto o poderia
imaginar
e dizer-lhe
anda cá



POESIA DITA

digo:
o sonho
é a realidade
antecipada
e digo:
nós queremos o sonho

já



ALGEMAS DE FOGO

que se quebrem as algemas de fogo na tua
boca
para que a viagem à invenção
seja gritada com berros de água



PENSAMENTO

no paraíso
foi assim o princípio
uma mulher
e um homem
(sózinhos?)
e a maçã
claro
(perdoa-me Senhor
mas eu prefiro morangos)



O PRINCÍPIO

temos de recomeçar
tudo

redescobrir o ponto zero
e dar o primeiro passo
ainda que incompletamente

redescobrir
o mundo
e inventar tudo outra vez
o homem e as flores
a morte
ou a paciência
a vida e as palavras
(todas as palavras)
as ruas os olhos as águas
as vontades

tudo

descobrir o princípio
e percorrer outros caminhos
desconhecidos

vamos recomeçar tudo
(pela última vez)



«Um poeta
nasce por si
próprio e
depois
faz-se com os
outros.»

José Carlos Ary dos Santos



FALA DO POETA

tudo
portas desejo homens casa
árvores água tempo luz
poetas vozes lua mar
tudo passa

apenas a esperança
persiste

resistindo

ESCREVER

escrever
é poisar violentamente as palavras
neste papel pardacento que me lembra a tua
pele
onde o sonho proibido é tatuagem
escrever
é sentir a vertigem
de estar aqui
vivo
à espera de um viver imenso
escrever
é acender de esperança a lua
ou gritar na planície desabitada
a palavra
vida

escrever
é encontrar a madrugada fria
no teu ventre tão cálido
tão puro
e tão só
escrever
é procurar flores
onde só há deserto e vento

escrever
é a paixão da palavra
em silêncio
até ao encontro com a voz dos outros
quando o sol escalda
e esta mão com que festejo a escrita
já não é minha



OFÍCIO DO POETA

Para Luís de Camões

o ofício do poeta
é morrer

só depois as cinzas da glória
se espalharão pelo mundo
só depois as palavras
chegarão aos homens

o ofício do poeta
é morrer

só depois a poesia
se cumprirá



O MEU OFÍCIO

«O real é a palavra.»
Eugénio de Andrade

ver o mundo
ouvir os homens e as mulheres
dizer as palavras
e procurar-te

(em todas as palavras)



CANTO DA PREGUIÇA

este é o poema que não escrevo

aah

(desculpem-me o bocejo)
talvez mais logo

talvez o escreva amanhã
(ai esta preguiça)

talvez nunca

ÍNDICE

O PRIMEIRO DIA	7
ELOGIO DA PACIÊNCIA	8
POEMA	9
ESTA NOITE	10
DIZ-ME	11
A NOSSA LUA	12
À TUA PROCURA	13
CONTIGO	14
CANTO AO AMOR	15
A NOITE SEM TI	16
UM BARCO NO PORTO	17
HÁ SEMPRE ALGUÉM	18
DENTRO DE TI	19
FLOR DE OUTONO	20
SEM TI	22
SEPARAÇÃO	23
LABIRINTO	24
OS MALDITOS	25
DEPOIS DO INCÊNDIO	27
A SOLIDÃO	28
ATÉ OS CARANGUEJOS	29
AGORA	30
UM HOMEM SÓ	31
POESIA DITA	32
ALGEMAS DE FOGO	33
PENSAMENTO	34
O PRINCÍPIO	35
FALA DO POETA	37
ESCREVER	38
OFÍCIO DO POETA	39
O MEU OFÍCIO	40
CANTO DA PREGUIÇA	41



Colecção

digit@lmente

	1
CASIMIRO DE BRITO	
Poemas Mínimos	
	2
A. MALHEIRO	
Sombras de Noite	
	3
PEDRO SILVA SENA	
Poemas de Cal	
	4
JUDITE FERNANDES	
Penumbra	
	5
J. A. NUNES CARNEIRO	
O Beijo Ainda Intacto	
	6
MANUEL LARANJEIRA	
Poesia Completa	



Título: POESIA INCOMPLETA
Autor: J. A. NUNES CARNEIRO

Edição: Novembro de 2004 (2ª edição)

Design: MAIS LIVROS
www.maislivros.online.pt

© Autor e Elefante Editores
para esta edição digital

Contactos:
Apartado 720
4501-901 Espinho
PORTUGAL

elefante@elefante-editores.co.pt

Obras de J. A. Nunes Carneiro
na Elefante Editores:
Assunto Sério (1997)
Poesia Incompleta (2001)
O Beijo Ainda Intacto (2004)



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1996

